



EDUCAÇÃO E PODER: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO A PARTIR DE VIGIAR E PUNIR DE MICHEL FOUCAULT

Samuel Cerqueira Melo¹
Wheliton Chiang Shung Moreira Ferreira²

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho possui o objetivo de discutir os processos de governabilidade do sujeito através do contato social desenvolvido no universo educativo. Por seu caráter teórico-reflexivo, propõe-se a construção de uma revisão bibliográfica a partir dos elementos contidos em Michel Foucault. A abordagem qualitativa permitiu que cada conceituação fosse acompanhada de uma análise primordialmente interpretativa e crítica. Sobre o foco principal da discussão, ressalta-se a indicação da necessidade maior atenção para os disciplinamentos que constituem a educação. Compreende-se que as técnicas de controle e poder se sobrepõem à constituição do sujeito, afetando sua historicidade, a pluralidade que o compõe e sua maneira de se relacionar com o mundo. Como conclusões, constatou-se que a consciência destes processos pode contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade autônoma, auto-reflexiva, onde se estabeleçam formas genuínas de existir, em que cada sujeito possa desenvolver práticas de cuidados de si.

Palavras-chave: Educação. Governabilidade. Sujeito.

Introdução

Esta análise, sob a forma de revisão bibliográfica, pauta-se na compreensão dos processos educativos que constituem um perfil de indivíduo. São discutidos os possíveis conflitos oriundos da sobreposição de suas condições enquanto sujeito histórico ritual a partir da determinação dos disciplinamentos pertencentes no contexto educativo. Justifica-se, portanto, que a contribuição a partir destas reflexões podem trazer elementos importantes de

¹IFBA *campus* Valença. Licenciando em Computação. E-mail: samuelcomputacao.ifba@gmail.com.

²IFBA *campus* Valença. Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano. E-mail: wheliton@hotmail.com.

ação em educação, assim como oportuniza-se uma maior possibilidade de criticidade na inserção das pessoas nos ambientes sociais em que se inserem.

São muitos os autores que concebem a educação a partir de práticas que proporcionam a produção de um sujeito autônomo, auto-reflexivo, um perfil de sujeito que seja capaz de desenvolver técnicas e práticas de cuidado de si. Dentre eles, traz-se Michel Foucault, em seu livro “Vigiar e Punir”, cuja concepção é a de que a educação seja mais um instrumento sócio-político das pessoas, na qual se estende uma perspectiva de manutenção de poderes disciplinares instalada ao longo da história e se mantém até o presente momento. Nesse sentido, a partir de teorias Foucaultianas, pretende-se aqui dissertar acerca de alguns elementos do universo educacional, que podem chegar a constituir um perfil de indivíduo coisificado, vindo a incidir na renúncia de seus valores, modos de vida e sua maneira de se relacionar com o mundo a partir de instrumentos de poder.

Neste sentido, aqui se tratam de mecanismos de subjetivação e mecanismos de objetivação que perpassam a existência moderna humana. Não haveria a elaboração de um sentido unívoco, mas, a partir da perspectiva do autor, é fundamental a compreensão desses dois sentidos para se pensar na constituição do sujeito moderno. Logo, pensar em mecanismos de objetivação é pensar na produção do indivíduo, da mesma forma que pensar nas formas de subjetivação é pensar em aspectos desta constituição. Pensando assim,

“Já se afirmou que tantos os processos de objetivação quanto os processos de subjetivação concorrem conjuntamente na constituição do indivíduo, sendo que os primeiros o constituem enquanto objeto dócil e útil e o segundo enquanto sujeito. Pode-se então dizer que termo “sujeito” serviria para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua, assim constituindo a partir dos processos de subjetivação. Esses processos, justapostos aos processos de objetivação, explicitam por completo a identidade do indivíduo moderno: objeto dócil-e-útil e sujeito.”
(FONSECA, 2003 p. 23)

Dentro desse contexto, nossa instituição escolar se estabelece na sociedade do capitalismo, pesado como um instrumento científico de poder. Nela, a domesticidade dos indivíduos se dá a partir da transferência do conhecimento do professor para os alunos. Neste momento, não há pretensões de produzir sujeitos emancipados e reflexivos, não há espaço na sociedade do disciplinamento para as subjetividades heterônomas. Segundo Foucault, a prioridade é a produção de indivíduo a partir da repressão das singularidades, do controle minucioso dos detalhes do corpo, na definição sócio-espacial na qual o indivíduo deve se

portar, na hierarquização dos corpos. Enfim, todos esses elementos constituem um perfil de indivíduo que se fundamenta no universo educacional. Sendo assim, “a escola se torna um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino” (FOUCAULT, 2014, p. 162-163).

Nesse sentido, o que tipifica a modernidade industrial é uma espécie de economia de poder que está conectada aos processos de codificação e instrumentalização que coisifica e objetifica o indivíduo atuando diretamente na retirada, e, ao mesmo tempo, na produção das singularidades individuais. Esse adestramento consiste na sobreposição dos elementos históricos rituais que os sujeitos carregam consigo e na elaboração de ferramentas de controle que coloca o indivíduo em processo permanente de sujeição - logo, “a disciplina “fabrica indivíduos”; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício.” (FOUCAULT, p. 167.)

A seguir, apresenta-se o construto metodológico que define os caminhos de análise da constituição do sujeito no universo educacional apresentados em Foucault (2014), e de como esse ambiente governa a forma de vida dos indivíduos, indicando que estes processos incidem na busca e manutenção do poder.

Metodologia

É nessa perspectiva que o poder disciplinar se estabelece na modernidade a partir de mecanismos disciplinares: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame. Esse tripé será exemplificado no quadro 1º a seguir:

Quadro 1 – Sistematização dos processos de disciplinamentos sociais em Foucault (2014).

Conceito	Definição
Vigilância hierárquica	A vigilância hierárquica é um dispositivo de poder que se estabelece pelo olhar. É um aparelho que consiste em ver sem ser visto; um poder que sujeita, produz e controla o corpo do indivíduo para utilizá-lo da maneira eficiente. Logo, todo o urbanismo é estruturado a partir de uma vigilância: os hospitais, os asilos, as prisões, as escolas; ou seja, a sistematização completa dessa vigilância que controla os corpos.
Sanção Normalizadora	Essa disciplina percorre pela coerção de conduta nos pequenos atos falhos do corpo que os indivíduos produzem. A normalização está conectada primordialmente com a vigilância, uma vez que, possibilita conhecer os atos sutis e minuciosos do corpo, do comportamento, das formas de conduta que se estabelece em qualquer lugar de aplicação desta tecnologia disciplinar.

Exame	O Exame é uma combinação ideal do que já conhecemos com vigilância e normalização. É uma disciplina que permite qualificar, classificar e punir. Este mecanismo consiste na elaboração de uma técnica ritualizada; colocando no âmago dos processos disciplinares a manifestação do sujeito enquanto objeto dos processos de objetivação que perpassam as relações de poder e saber. O exame é, também, um arquivo, cuja fonte se estabelece pelas minuciosas capitalizações do tempo, dos gestos, dos hábitos, da maneira de que os indivíduos atuam.
-------	--

Fonte: os autores.

O poder disciplinar consiste em não se apropriar, retirar; mas, sim, “adestrar”, para apoderar-se do sujeito ainda mais, produzindo, assim, um perfil dócil e útil. É desta maneira que Foucault descreve os disciplinamentos que compõem a modernidade. “Nessa atualidade aparece o indivíduo moderno, produto de uma tecnologia, constituído enquanto objeto de saber e resultado das relações de poder, marcado pela docilidade e utilidade que justificam o processo de sua constituição.” (FONSECA, 2003. p. 74)

A partir desta sequência analítica, compreende-se a educação na contemporaneidade como reflexo de ação do aparelho ideológico do Estado que forma o sujeito como ele “deve ser” (FOUCAULT, 2014, 163). Freitas (1995, p. 53) também constata esta realidade quando menciona o poder controlador da escola através de sua “estrutura organizacional - divisão de tarefas, distribuição do poder, seleção, organização dos conteúdos programáticos, definição de grades curriculares, horários, exames e seleção”.

Resultados e Discussão

São as distintas formas de subjetivação que proporcionam caminhos únicos pela estrada da vida do ser humano. De algum modo, esse processo é interrompido a partir dos poderes estruturantes que compõem a existência - seja a escola, a igreja, o quartel, a mídia, o ciberespaço, as relações familiares, as instituições, enfim, as relações de poder que caracterizam o presente momento, estão, cada vez mais, sincronizadas nas formas de produção das subjetividades individuais, entrando no campo da governamentalidade.

A educação enquanto instrumento científico de poder carrega elementos que molda as singularidades individuais: o quadriculamento, a hierarquização, a classificação, por exemplo, se instalam sob o corpo individual, na perspectiva de adestrar para utilizar, utilizar cada vez mais e melhor. A isto, Foucault define como microeconomia repressora das singularidades. Conceber a educação capitalista é não desvincular-lhe dos poderes estruturantes sociais. Nesta perspectiva, a educação torna-se mais um instrumento produtor de indivíduo e não de sujeito. Conforme o referido autor, a educação “na oficina, na escola, no exército, funciona como

repressora toda uma micro penalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência) (FOUCAULT, 2014. p. 175).”

Desenvolver práticas de cuidado de si, constituindo-se enquanto sujeito dono das próprias escolhas, com desejos próprios, de pensamentos autênticos, todos estes elementos orgânicos deveriam ser intrínsecos na constituição do sujeito moderno - a educação deveria ser um instrumento que conduzisse o sujeito ao caminho de si, a sua percepção genuína na existência da vida. Entretanto, a partir das análises até então aqui tecidas, indica-se que a tendência atual é a de que a educação tem como funcionalidade prioritária homogeneizar o que é de natureza heterogênea, no caso, a essência humana.

Conclusão

Este trabalho de investigação constatou ser um caminho metodológico relevante e que permitiu aos pesquisadores a análise reflexiva de elementos sobre a produção do corpo dócil e útil no universo educacional. A educação possui inúmeras ferramentas que, de algum modo, se interpõem no cotidiano dos sujeitos. Entretanto, é fundamental estar atento às formas de controle presentes na educação que, de maneira sutil, objetifica, instrumentaliza e coisifica as singularidades individuais, ignorando toda pluralidade que compõe a existência individual.

REFERÊNCIAS

- FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico**. Campinas-SP: Papirus, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.